

Delfim quer o comércio mundial aberto

O ministro discorda de Kissinger: o Brasil ainda não pode financiar o desenvolvimento dos países pobres.

O ministro Delfim Neto acredita que "o mundo só vai sair desta crise com o comércio internacional mais aberto". Ele afirmou que a questão principal, hoje, para os países não produtores de petróleo, como o Brasil, é superar seus problemas de balanço de pagamentos. "Para superar esses problemas e reajustar as suas economias eles precisam, porém, de um comércio internacional mais aberto", opinou o ministro.

Delfim Neto fez esse pronunciamento ao falar ontem, no Rio de Janeiro, na reunião do conselho consultivo do Centro de Estudos Estratégicos Internacionais da Universidade Georgetown, de Washington. O ex-secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, que preside o encontro, definiu Delfim como "o responsável pelo espetacular desenvolvimento brasileiro no início da década de 70".

O ministro do Planejamento disse que os países não produtores de petróleo estão pagando um preço, pela crise, acima do razoável, porque existe uma situação "perfeitamente idiota, na qual se enredam os países industrializados que adotam políticas recessivas para se verem livres da inflação".

Delfim explicou como o pro-

blema se apresenta: "Essas políticas (recessivas) fazem aflorar o fantasma do desemprego. Então, simultaneamente se adotam restrições ao comércio, se limitam as importações dos países em desenvolvimento para não aumentar o desemprego interno, quando o mais razoável seria aumentar essas importações e utilizá-las como instrumento de combate à inflação interna".

O ministro acha que generalizar as restrições ao livre comércio não resolve o problema dos países industrializados e impõe um preço desnecessário aos países em desenvolvimento: "O correto seria generalizar a abertura comercial e utilizar o potencial de exportações dos países em desenvolvimento, ajudando a combater a inflação dos países mais industrializados e permitindo abrandar suas políticas recessivas".

Na opinião de Delfim Neto, o Brasil está superando a crise porque acreditou nas forças do mercado e está aumentando suas exportações, enquanto procura não aumentar o endividamento externo: "Com a expansão de nossas exportações, nós vamos abrindo os espaços de que necessitamos para nos livrarmos do constrangimento externo e voltarmos a ter políticas de



Kissinger: elogios aos "milagres" de Delfim no início da década de 70.

desenvolvimento econômico mais agressivas. O Brasil é um país que não pode conformar-se com taxas reduzidas de crescimento, porque tem que criar empregos para um milhão e meio de jovens que todo ano chegam ao mercado de trabalho".

Financiar

Delfim não crê que o Brasil já

tenha condições de financiar o desenvolvimento de outros países. Ele não concordou com a tese defendida por Henry Kissinger de que o Brasil já teria potencial para apoiar o desenvolvimento de países mais pobres. Delfim achou "otimistas" as palavras de Kissinger e as viu como uma "barretada no Brasil". Corrigindo-se, logo a seguir, Delfim substituiu a expressão "barretada" por "homenagem". O

ministro definiu os limites das possibilidades brasileiras nesse setor: "O que podemos oferecer a alguns países é o apoio tecnológico em algumas áreas, o que já estamos fazendo".

Delfim Neto proferiu palestra para os membros do centro de estudos norte-americano a respeito de "Dívidas e Finanças". Falando aos jornalistas, depois, o ministro disse: "O importante é que se compreenda que os problemas brasileiros são de natureza física e esses não se resolvem com um pouco de conversa". Ele tem esperanças no seminário de que participa: "Uma reunião de intelectuais é sempre uma boa oportunidade para se tentar alguma solução para os problemas do mundo. Quem sabe alguma solução não surge daqui? Depois, é só tentar convencer o resto do mundo de que uma solução foi encontrada".

Falando ligeiramente a respeito de temas nacionais, Delfim comentou os debates provocados pela nova lei salarial e o programa de desemprego elaborado pelo ministro do Trabalho, Murilo Macedo. Na questão da lei salarial disse que "o governo é um mero espectador". Ele transfere o problema aos empresários, ao afirmar que eles

estão trabalhando no assunto. O governo espera que cheguem a alguma conclusão razoável.

Também falou a respeito da política de empregos: "Estamos selecionando projetos utilizadores de mão-de-obra. Essa é toda a verdade". Não quis, porém, especificar o montante de recursos destinados a essa iniciativa. Limitou-se a dizer que "os recursos já estão no orçamento".

Juros

Henry Kissinger, que também falou aos jornalistas, disse que as elevadas taxas de juros nos Estados Unidos afetam a economia de países como o Brasil. "Mas são, também, um problema para os países desenvolvidos e, particularmente, os Estados Unidos." Kissinger entende que os juros altos não foram criados pelo governo Reagan, foram herdados de governos anteriores.

Além do ministro do Planejamento, que fez sua palestra à tarde, participaram ontem, da reunião no Rio de Janeiro, o embaixador do Brasil em Londres, Roberto Campos, o presidente do Banco do Estado do Rio de Janeiro, Israel Klabin, e Ermelino Matarazzo, diretor do Grupo Matarazzo.